

.....

O trauma e o ideal neoliberal: uma reflexão acerca dos efeitos do discurso capitalista

Isadora Garcia de Goes¹
Fernando Rodrigues dos Santos²
Eduardo Teixeira Martins³
Filipe Silveira Zoppo⁴

Resumo

As mudanças do cenário capitalista mundial culminaram em um discurso ultraliberal de produtividade e positividade, em que o senhor e o servo habitam o mesmo sujeito, o que levou a profundas transformações na subjetividade e no desejo. A partir das concepções de trauma e sintoma trazidas por Freud e Lacan, buscamos realizar uma reflexão acerca dos impactos do discurso neoliberal no sujeito contemporâneo e como este discurso está atrelado ao Ideal-do-Eu postulado por Freud.

Palavras-chave: Produtividade. Capitalismo. Trauma. Sintoma. Desempenho.

Le traumatisme et l'Idéal néolibéral: une réflexion sur les effets du discours capitaliste

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde 2017. Atuou como bolsista do Programa de Educação Tutorial, em projetos na área da psicologia com a base na indissociabilidade entre Pesquisa, Ensino e Extensão. Possui participação e publicações em congressos e eventos, monitoria acadêmica e experiência com tradução de livro da língua francesa em psicanálise. Interessa-se por Psicanálise e Psicologia Social. E-mail: isadoragoes12@hotmail.com

² Estudante de graduação em Psicologia, mestrando em Psicologia e bacharel em Artes Visuais, todos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É bolsista extensão do projeto 'Espaço de Expressão em tempos de pandemia', foi bolsista extensão pelo projeto "Envelhecimento e saúde"; participou dos projetos de ensino "Psicanálise, Palavra e Poética" e "As origens da Psicanálise nas tragédias". Também fez estágio não-obrigatório na FURG TV/FM, atuando na produção e edição de vídeo e programas televisão/rádio-televisada, assim como da bolsa de extensão/cultural "Rádio Web - Produção Programas Culturais"; além de monitorias acadêmicas, participação em exposições grupais de arte, organização de eventos culturais, e publicações em eventos/congressos. Interessa-se por psicanálise, arte, cinema e filosofia. E-mail: f.rodrigues-@hotmail.com

³ Graduando em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com ingresso em 2017. Atuou como estagiário no Programa governamental Primeira Infância Melhor. Possui publicação em revista na área de educação musical. Possui interesse nas áreas de Psicanálise, Educação, Música e Filosofia. E-mail: eduardomartins1998@outlook.com

⁴ É graduando em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) desde 2017. Possui interesse nas áreas de Psicanálise, Filosofia, Linguística e Sociologia. E-mail: f.s.zoppo@gmail.com

Résumé

Les changements du scénario capitaliste mondial ont abouti à un discours ultra-libéral de productivité et de positivité, dans lequel le maître et le serviteur habitent le même sujet, ce qui a conduit à de profonds changements dans la subjectivité et le désir. À partir des concepts de traumatisme et de symptôme apportés par Freud et Lacan, nous cherchons à réfléchir sur les impacts du discours néolibéral sur le sujet contemporain et comment ce discours est lié à l'Idéal du Moi postulé par Freud.

Mots-clés: Productivité. Capitalisme. Traumatisme. Symptôme. Performance.

.....

Introdução

“Por falta de tranquilidade, nossa civilização se transforma numa nova barbárie. Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto.” (Nietzsche, 2000, p. 117)

Com a consagração do capitalismo e da globalização no cenário mundial ao final do século XX, aconteceram diversas mudanças no panorama econômico, político e social. O capitalismo industrial se converte em neoliberalismo e capitalismo financeiro e, com essas transformações, as relações de trabalho também mudam. Essas mudanças no mundo do trabalho foram tanto quantitativas, quanto ao número de vagas e postos de trabalho que foram reduzidos, como qualitativas, no sentido de que os novos postos de trabalho não mais oferecem ao trabalhador as mesmas compensações usuais, estabilidades e direitos que antes existiam.

Houve um aumento expressivo no “trabalho à disposição” ou trabalho por “conta própria”, hoje conhecido também como *freelancer*, que pode se dar via internet em sites especializados. Essa forma de trabalho funciona conforme o volume das encomendas e em turnos variáveis, em que é comum o trabalhador receber um preço muito baixo para ser inserido no competitivo mercado de trabalho. O que acaba ocorrendo é o agravamento das condições de trabalho dessas pessoas, que devido à insegurança do mercado de trabalho atual e crescente desemprego trabalham cada vez mais, para poder conquistar uma clientela maior, por menos dinheiro (Benia, 2001).

Ainda segundo Benia em 2001, no caso dos jovens, já nascidos em meio à crescente positividade, soma-se a todos os aspectos supracitados a inviabilização do ingresso na vida profissional, devido às exigências cada vez maiores de qualificação pelo mercado de trabalho. Os projetos de vida são feitos a partir de uma nova temporalidade, na qual a incerteza, a

insegurança e as constantes e rápidas mudanças são a regra. O tempo flexível do novo capitalismo parece inviabilizar que se construa uma narrativa constante e segura da vida no trabalho.

Essas transformações no mundo do capital e conseqüentemente no do trabalho geram discursos de produtividade e tecnologias de poder que constituem processos de (des)subjetivação (Costa & Gali Fonseca, 2008). O objetivo desse estudo é realizar uma reflexão sobre tais discursos e técnicas de poder que circulam nas sociedades capitalistas, a partir das concepções de Han, bem como explorar as relações desses processos com a metapsicologia de Freud e as contribuições de Lacan quanto ao traumático e as formas de satisfação do sujeito moderno.

Uma sociedade do desempenho disciplinar

Para entendermos melhor todas essas mudanças do capitalismo em níveis sociais, trazemos o pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Em sua obra, *A sociedade do cansaço* (2017a), ele nos apresenta com o conceito de *sociedade do desempenho*, em contraposição a *sociedade disciplinar* foucaultiana.

Ele começa fazendo a distinção entre esses dois conceitos, apontando que a sociedade disciplinar foucaultiana é definida pela negatividade da proibição, caracterizado pelo não-ter-o-direito. O verbo que domina essa sociedade é o *dever*, e junto a ela se insere a negatividade da coerção.

Já a sociedade do desempenho se desvincula cada vez mais da negatividade. Ela é dominada pelo verbo *poder*, um poder sem limites. A afirmação “Yes, we can” expressa esse caráter de positividade da sociedade do desempenho. No lugar da proibição, como é na sociedade disciplinar, entra o mandamento, a lei, o projeto, a iniciativa e a motivação.

Para Han, quem não se encaixa na sociedade disciplinar é considerado louco ou delinquente. Já na sociedade do desempenho, os dissidentes são os depressivos e os fracassados.

Han fala em “mudança de paradigma” entre a sociedade disciplinar, que seria a típica do século XX, para a sociedade do desempenho, no século XXI. Segundo ele haveria uma continuidade de um nível, em que o desejo de maximizar a produção já habita o inconsciente social. (Han, 2017a)

Aqui fazemos uma ressalva quanto a essa *mudança*, por acreditar que as questões da disciplinaridade, coerção, os *nãos*, e mais ainda os efeitos positivos do poder ainda mostram sua força, e numa crescente assombrosa, no meio social. Não acreditamos que a sociedade

disciplinar esteja desaparecendo, mas sim pensamos no sentido de uma *adição* desses aspectos do desempenho na trama social, ou até de uma hiper-estimulação desses aspectos, pois eles podem ser visto em diversas práticas pré-modernas, como foi o caso da reforma protestante. Ou seja, propomos que não ocorreu propriamente uma troca de um paradigma para o outro, mas sim um fortalecimento de certos dispositivos e discursos, como nos leva pensar Foucault, em uma reinscrição perpétua das “relações de forças, através de uma espécie de guerra silenciosa” (Foucault, 2017, pg. 275). Vivemos, talvez, numa sociedade disciplinar do desempenho, ou quem sabe, numa sociedade do desempenho disciplinar.

Segundo Han (2018), hoje, acreditamos que somos livres, acreditamos que fomos libertados das coerções externas e restrições impostas pela sociedade disciplinar de Foucault. No entanto, essa liberdade nos provoca coerções. E essas coerções são ilimitadas, visto que “a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever.” (Han, 2017a, pg. 25).

O senhor do desempenho, que se acha livre, na verdade é um servo. Um servo absoluto, porque como não tem um senhor externo, ele explora a si mesmo. E para promover essas coerções o neoliberalismo é muito eficiente porque ele utiliza tudo que diz respeito a práticas e formas de expressão da liberdade, como a emoção, o jogo e a comunicação (Han, 2018).

E é nesse pilar da liberdade individual, do sujeito empreendedor de si mesmo, que a ânsia pela produtividade se encontra. Essa pode ser vista como uma engrenagem dentro do sistema do capital, porque, segundo Marx (2011), a livre concorrência, que é baseada nessa ideia de liberdade individual e alavancada pela produtividade, é apenas a “relação do capital consigo mesmo como outro capital” (Marx, 2011, pg. 872). Dessa forma, o capital se multiplica, se copula consigo mesmo enquanto competimos entre nós. A liberdade individual é, portanto, nada menos do que um regime de servidão voluntária, pois o capital a toma para sua própria multiplicação. Assim, o autor conclui que na livre concorrência, quem é livre é o capital e não os indivíduos (Han, 2018).

Han (2018) discorda de Marx quanto à possibilidade de superar a contradição fundamental entre as forças produtivas (classe trabalhadora) e as relações de produção (os capitalistas). Segundo ele, com a mutação do capitalismo industrial em neoliberalismo, o trabalhador foi transformado em empreendedor, então cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa. Ou seja, o servo e o senhor são a mesma pessoa, e a luta de classes também se transformaria em uma luta interior consigo mesmo.

Quem fracassa nessa sociedade neoliberal de desempenho não é levado a questionar a sociedade e o sistema. Ele questiona a si mesmo, se envergonha e se responsabiliza por não ter

usado sua liberdade para produzir mais. E isso é resultado das tecnologias de poder tão eficientes do regime neoliberal: elas não permitem resistências ao sistema (Han, 2017a).

Na sociedade disciplinar, há quem oprime e quem é oprimido. Há o trabalhador e o patrão, o servo e o senhor. Isso permite que os explorados se solidarizem entre si e se voltem contra o explorador. Entretanto, no regime neoliberal de exploração, a agressão é voltada para nós mesmos. Assim, os explorados não se transformam em revolucionários, mas sim em depressivos.

O trabalho, na lógica do capital, seria o meio pelo qual o sujeito sonha alcançar e corresponder a esses ideais neoliberais de liberdade, riqueza e realização pessoal. Para o discurso neoliberal a produtividade e a liberdade individual são os guias para percorrer esse caminho. Logo, o sujeito seria levado a crer que sua história, suas conquistas e fracassos dependem exclusivamente de si mesmo (Benia, 2001).

Para explicar o paradigma da sociedade do desempenho proposta por Han, trazemos um exemplo do cinema: o filme *Parasita*, de Bong Joon Ho. Nesse filme, um dos temas fundamentais é a desesperança brutal, além da desigualdade social em uma sociedade capitalista e neoliberal.

A cena mais emblemática dessa temática se encontra no final do filme: nela o jovem Ki-woo aparece conseguindo, através do trabalho duro, comprar a casa onde seu pai está escondido, resgatando-o. Porém, essa cena é uma *ilusão* que serve para manter Ki-woo 'sobrevivendo', visto que ele não tem nenhuma possibilidade de sucesso — o próprio diretor do filme comentou que essa cena é um 'tiro de confirmação'⁵, que é aquele que se dá para ter certeza que está morto o adversário ou a caça.

Isso se relaciona com o que Han postulou sobre a sociedade do desempenho, visto que há uma necessidade no sujeito de desempenho em criar planos para o sucesso mas que nunca terá possibilidade de ser alcançado, pois tão logo são sobrepostos por novos planos, movendo a 'felicidade' para o eterno amanhã. Essa ilusão exemplificada em Ki-woo relaciona-se também com o conceito de ilusão nas ideias religiosas explorado por Freud, movida pelo desejo e mantida para proteger do desamparo, a qual abordaremos mais adiante.

Ainda sobre o filme, o pai da família Kim faz alusão a esses planos impossíveis logo que sua família vai parar no ginásio com todas outras famílias afetadas pela enchente. Ele diz que não faz planos, pois pelo menos assim não tem como dar errado. A pedra que a família Kim

⁵ <https://www.vulture.com/2020/01/parasite-ending-explained-by-bong-joon-ho.html>

recebe do amigo de Ki-woo é apenas uma promessa de riqueza (serve como metáfora da esperança), não é a própria riqueza, e, que no fim das contas apenas trouxe a desgraça da família: a filha morta, o pai preso no subsolo, o filho com o trauma e o julgamento.

O meio-caminho entre os ricos e os pobres, através da educação, é outro tema tratado no filme, que também é igualmente irreal. Esse sonho da família de serem bem-sucedidos só se mostra possível através da falsificação do diploma de Harvard / Yale e da mudança do nome de um dos filhos da família pobre para Kevin e Jessica (americanizando-se). Só assim o jovem Ki-woo foi capaz de chegar próximo da família Park (a família rica), e mesmo assim apenas como serviçal, sugerindo a total impossibilidade dele de fato tornar-se rico como os Park. A distinção entre quem é rico e quem é pobre, ao menos nesse filme é uma questão quase que biológica, está na pele, é o mau cheiro que o Sr. Park alega que sente dos pobres. Numa sociedade assim, a educação, o trabalho duro e o ímpeto pela produtividade são apenas espaços para dar a ilusão de futuro.

O trabalho, bem como exemplificado no filme, é um valor central e muito importante na vida dos sujeitos, estruturante de suas subjetividades, e com isso também está estritamente ligado à *ilusão* propiciada pelo neoliberalismo. O trabalho garante tanto a sobrevivência quanto a identidade dos cidadãos. Portanto, quando se fala de trabalho, segundo Benia (2001), é um valor narcísico que está em jogo. Assim, considerando o trabalho como valor narcísico e estruturante da subjetividade, compreende-se as dificuldades do sujeito moderno de confrontar-se com as mudanças do sistema neoliberal, que exige cada vez mais produtividade em nome de uma suposta liberdade individual.

Para seguirmos nossa reflexão através do prisma psicanalítico, devemos primeiro esclarecer um suposto ponto de divergência entre a teoria de Han e a Psicanálise. Han nega a possibilidade de uma aproximação de seus conceitos com a Psicanálise hoje, postulando que o aparato psíquico freudiano é repressivo e impositivo. Dessa forma, ele seria estruturado tendo em vista uma sociedade disciplinar, composta de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas. Para Han, a psicanálise freudiana só pode ser efetiva nessa sociedade repressiva e disciplinar, baseada na negatividade das proibições, e conclui que hoje a psicanálise freudiana seria então inviável, tendo em vista que para ele a sociedade de hoje não é mais uma sociedade disciplinar e sim de desempenho, “cada vez mais se desvinculando da negatividade das proibições e se organizando como a sociedade da liberdade” (Han, 2017, pg. 79).

Porém, diferente do que foi dito por Han (2017a) ao criticar a validade das concepções psicanalíticas nos dias de hoje, propomos que as concepções psicanalíticas não são pautam-se

exclusivamente em termos negativos (dever, castração, recalque etc). Já que, para Lacan, o Super-eu também atrela-se aos signos positivos: o fazer, o transgredir, o excessivo, o gozar, visto que estes são constituído pelos discursos que nos perpassam, ou seja, o discurso do Outro, não se tratando apenas de negatividade, mas também, simultaneamente, da positividade. Paradoxalmente, a mesma instância que proíbe o gozar, também o incita a transgressão, aumenta a excitação psíquica, o excesso. Nas palavras de Lacan:

“[...] o crivo de uma experiência tendendo a reduzir a obrigação a funções precisas na ordem social deram-nos a esperança de relativizar o caráter imperativo, contrariador, e, em suma, conflituoso da experiência moral, mas vimos aumentar nos fatos as incidências propriamente patológicas dessa experiência. Não estamos diante de um homem menos carregado de leis e de deveres do que antes da grande experiência crítica do pensamento dito libertino.”(1959-1960/1988, pg 16)

Sendo assim, parece lícito articular as concepções lacanianas com as de Han. E também com isso, inferir que a ausência de limites bem delimitados não dá maior liberdade aos sujeitos.

A metapsicologia freudiana e a lógica do capital

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930) Freud busca explicar as influências mútuas entre os sujeitos e o social e versa sobre o conceito de Super-Eu, a instância psíquica responsável pela ‘auto vigilância’: “[...] vimos igualmente como é possível entender a severidade do Super-eu, os reclamos da consciência. Ela simplesmente dá continuidade ao rigor da autoridade externa, a que sucedeu e que em parte substitui” (pg. 97).

O Super-eu seria a representação simbólica do *não* internalizado, uma perturbação ao narcisismo original da criança, relacionado por Freud com o complexo da castração (Freud, 2010).

Ou seja, parte do que constitui o sujeito freudiano é a função da sua relação com o outro, inicialmente os pais, mas logo em seguida com a escola, com a igreja e etc. O que nos parece relevante dessa concepção é a ideia de *continuidade* da autoridade externa que torna-se uma autoridade interna, fazendo uma similitude com o que Han fala sobre a sociedade do desempenho.

Outra concepção importante para entendermos a relação entre a angústia sentida pelo sujeito da produtividade e os sintomas sociais é a de Ideal-do-Eu. Segundo Freud (2010) em introdução ao narcisismo, O Ideal do Eu surge como um substituto do narcisismo infantil perdido. Freud descreve o narcisismo infantil como o estado em que há um originário

investimento libidinal do Eu, em que se detém a posse de toda a perfeição, resumido pela expressão “*His Majesty the Baby*” (Freud, 2010, pg.25).

À medida que é gerada uma identificação da criança com os pais, as pulsões sexuais são direcionadas ao cuidador, geralmente a mãe ou quem desempenha este papel na vida da criança. A figura cuidadora torna-se o primeiro objeto externo dos impulsos sexuais da criança. A partir deste acontecimento, o cuidador toma o lugar de objeto da libido e ocorre a diferenciação entre as pulsões do Eu e a libido de objeto.

A partir da relação com os pais, origina-se o Ideal do Eu. Este advém a partir da identificação estabelecida com os membros parentais e é moldado a partir da influência crítica que os pais exercem perante a criança. Ao longo do desenvolvimento da criança, são adicionados ao Ideal do Eu a influência crítica de seus pares, educadores e da sociedade como um todo. Dessa forma, a idealização de si mesmo é estruturada a partir das necessidades e anseios do meio cultural em que o sujeito está inserido.

Como o sujeito demonstra-se incapaz de renunciar à satisfação narcísica de que desfrutava durante o período narcísico original, ocorre um deslocamento dessa satisfação narcísica para o seu Eu idealizado. No entanto, a partir do distanciamento do narcisismo primário, presente no Eu idealizado, em relação ao Eu real, surge um forte desejo de reencontrar-se com essa satisfação perdida. Desta forma, cada sujeito busca alcançar a idealização que lhe foi introjetada a partir da cultura.

Freud, ainda nessa obra, afirma que o sentimento de si, o amor próprio, possui uma relação de grande dependência dessa libido narcísica, que foi deslocada para o ideal. Dessa forma, na tentativa de reaver-se com a satisfação gerada pelo sentimento de onipotência e de perfeição uma vez experimentado na vida infantil, busca-se o cumprimento desta idealização de si mesmo. Já o sentimento de culpa, angústia social, tão comum na sociedade, advém da insatisfação do cumprimento deste ideal de si mesmo. Como afirma Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (2011): “Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu. Também o sentimento de culpa (e o sentimento de inferioridade) pode ser entendido como expressão da tensão entre Eu e ideal” (pg. 74).

A partir disso, de um imperativo social vinculado à produtividade vivenciado na sociedade atual, o Ideal do Eu pode ser visto permeado fortemente pelo discurso neoliberal de positividade. Dessa forma, as cobranças perante a si mesmo tornam-se cada vez maiores e o sujeito torna-se eternamente insatisfeito consigo mesmo, acreditando que sempre se poderá produzir mais, vivendo assombrado por esse novo imperativo.

Como consequência destes acontecimentos, o sentimento de culpa e inferioridade tornam-se obstinadamente presentes, fazendo com que os sujeitos busquem cada vez mais servir ao capital na tentativa de aliviar este sentimento. O sujeito seria então forçado a tentar, a qualquer custo, corresponder à “imagem e semelhança” desse ideal capitalista.

Não por acaso utilizamos o termo ‘imagem e semelhança’, que provoca uma comparação religiosa. O filósofo Walter Benjamin traz a noção de capitalismo como: “uma religião cultural, uma celebração de um culto sem sonho e sem piedade. Culto este baseado na culpa, transformando-a em universal [...] Em outras palavras, ‘o capitalismo é uma religião puramente de culto, desprovida de dogma’ “(Almeida, 2014).

Assim, dentro dessa analogia, o capital seria o novo deus, que nos torna novamente devedores, como bem postulou Han em 2018. No entanto, aqui podemos afirmar que o capitalismo atual traz sim um sonho, o sonho de atingir justamente Ideal-de-Eu neoliberal, o de empreendedor bem-sucedido que conquistou seu patrimônio pelo seu ‘mérito’. O fracasso em não atingir esse Ideal-do-Eu leva ao sujeito a consciência de culpa por não ter produzido o suficiente, por não ter aproveitado sua ‘liberdade individual’ como deveria.

Freud em O futuro de uma ilusão postulou que as ideias religiosas seriam uma ilusão de gênese psíquica, derivadas dos desejos mais antigos. Segundo ele, algumas tarefas dos deuses são: reconciliar os homens com a crueldade do destino e recompensá-los pelos sofrimentos e privações que a convivência na cultura lhes impõe: “Cria-se assim um patrimônio de ideias, nascido da necessidade de tornar suportável o desamparo humano” (Freud, 2010, pg. 37).

Quando Freud caracteriza as ideias religiosas como ilusões ele deixa claro que a concepção de *ilusão* é diferente da de *erro*. A ilusão não precisa ser necessariamente falsa; ela é derivada de desejos humanos. Para exemplificar essa questão ele conta que uma moça plebeia pode ter a ilusão de que um príncipe irá buscá-la. Isso seria algo possível, mas, diz Freud, pouco provável de ser demonstrado e, como carece de comprovações, também seria irrefutável.

Se compararmos com a realidade capitalista, principalmente dos países de capitalismo periférico latino-americanos como o Brasil, notamos que nessas sociedades há uma alarmante desigualdade social, fruto histórico das diversas crises econômicas, políticas e sociais e, decorrendo disso, um elevado sentimento de desamparo e desesperança assola esses países. Encontramos neles a crueldade do destino que Freud se referia, assim como os sofrimentos e as privações culturais.

Esse é um terreno fértil para a difusão do sonho de se tornar um “sujeito do desempenho” (Han, 2017a, pg. 29) que sendo empreendedor de si mesmo alcançará pelo seu

mérito a liberdade financeira — fazendo tal como o Barão de Münchhausen, e puxando-se pelos próprios cabelos para sair do pântano da precariedade. E para “atingir” esse patamar ele deve trabalhar duro: deve produzir, mesmo que o preço seja a sua própria saúde. Esse sonho é uma ilusão; ele não é impossível, e para trazer um exemplo alusivo à plebeia e o príncipe de Freud, podemos comparar com a história de figuras públicas do imaginário neoliberal, como Bill Gates, que começou sua empresa na garagem de casa e agora tornou-se um multimilionário. Essa é uma história de sucesso em bilhões, mas o discurso capitalista, sobretudo o neoliberal, endossa esse tipo de narrativa, que já é suficiente para arar o terreno da ilusão nas subjetividades das sociedades capitalistas.

É quase como um milagre: se você for bom e fizer sacrifícios para seu deus, ele irá lhe abençoar com o milagre da boa Fortuna. A iconografia do filme *They Live* (1988) de John Carpenter bem mostra como dinheiro, e em específico o dólar americano, tornou-se nosso novo deus e explicita essa perspectiva: Se você trabalhar e produzir até a exaustão, talvez você seja agraciado com a riqueza. Sendo assim, a produtividade se torna o sacrifício para o novo deus que é o capital. E compõe assim a ilusão essencial do psiquismo dos sujeitos da produtividade, que é necessária para manter o sistema neoliberal em funcionamento.

Sintomas da produtividade

Seguindo as ideias de Han, ele articula dois pontos da sociedade do desempenho bastante importantes para a discussão que estamos tratando aqui, a *positividade* e as “doenças mentais” associadas a essa.

Para Han (2017a), a positividade é a pedra de toque do suposto novo paradigma e os novos imperativos vigentes são: ser mais, fazer mais, ter mais. Os quais vêm em parte por “*pressão do desempenho*” (Han, 2017a, pg. 27) mas sobretudo pelo que ele chama de “*liberdade coercitiva*” (Han, 2017a, pg. 30), a qual o sujeito exerce sobre si mesmo essa positividade, o paradoxo dessa liberdade é condição *sine qua non* das doenças neuronais para o autor.

Han cita as “doenças neuronais” (2017a, pg. 17) como Depressão, Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade Limítrofe (TPL) e Burnout como constituintes da paisagem patológica do começo do século XXI. Essas questões psicológicas e diagnósticas, segundo ele, são causadas pelo *excesso de positividade*.

Sendo assim, qual seria a relação entre sujeito, o social e a psicopatologia, a partir de um viés psicanalítico, dentro de uma sociedade do desempenho? Podemos introduzir esse debate problematizando a questão do diagnóstico clínico das doenças mentais.

Partilhamos aqui da concepção de Dunker (2015) que considera o diagnóstico não como uma simples nomeação de uma condição clínica, mas sim como uma *diagnóstica*. Tal conceito encara a questão diagnóstica como uma reconstrução de uma forma de vida:

“Considerar o diagnóstico em psicanálise reconstrução de uma forma de vida envolve tanto a diagnóstica do sujeito como a transversalidade diagnóstica entre disciplinas clínicas (médica, psicanalítica, psiquiátrica, psicológica); tanto a flutuação discursiva dos efeitos diagnósticos (jurídico, econômico, moral) como sua incidência no real das diferenças sociais (gênero, classe, sexualidade). Reconstruir uma forma de vida, no escopo ético de uma racionalidade diagnóstica pensada dessa maneira ampliada, é, no fundo, refazer os laços entre trabalho, linguagem e desejo, pensando a patologia – que se exprime no sintoma, no mal-estar e no sofrimento – como uma patologia do social.” (Dunker, 2015, pg. 19)

Para Dunker (2015), a pós-modernidade trouxe consigo um encurtamento ou condensação das formas de linguagem reservadas ao sofrimento. Isso parece ter culminado em uma diminuição da extensão e uma mudança na qualidade da queixa, a qual está diretamente relacionada com o diagnóstico. Segundo o autor, essas novas patologias estão baseadas “[...] no déficit narrativo, na incapacidade de contar a história de um sofrimento, na redução do mal-estar à dor sensorial.” (Dunker, 2015, pg. 24).

A psicanálise lacaniana postula que as ditas “doenças mentais” não são doenças, pois não seguem um curso mórbido natural como um agente patógeno que se infiltra no cérebro, nem são mentais do sentido de uma deformidade da personalidade. Mas sim, “um sintoma é um fragmento de liberdade perdida, imposto a si ou aos outros” (Dunker, 2015, pg 24).

Sendo assim, não vemos essas proliferações das “doenças” mentais como uma doença que pode ser singularizada no *indivíduo*, e entendemos a diagnóstica como um dos pilares da patologização e culpabilização do *sujeito* da sociedade de desempenho disciplinar. Alain Vanier (2002) trata sobre o *sintoma social*, pautando-se em Lacan para radicalizar esta condição:

“estamos em uma sociedade de escravos, todos do mesmo lado da máquina da produção capitalista. Todos renunciamos ao gozo, condição da entrada no laço social; mas somos todos apanhados na promessa, reafirmada com insistência, de uma possibilidade de recuperação desse gozo perdido oferecida pelo consumo que será democraticamente repartido entre todos.” (Vanier, 2002, pg. 208)

Podemos relacionar esse trecho com o dilema dos conceitos de sociedade disciplinar e sociedade de desempenho. Para Vanier e para Han todos somos senhor e servo de si. No entanto, para nós, não é possível afirmar que estamos “todos do mesmo lado” *da mesma maneira*, pois ainda há contradições de classe em nossa sociedade, no sentido marxista (Marx & Engels, 2015), especialmente no Brasil. Em alusão ao Parasita, filme citado anteriormente, ainda há as famílias que têm suas casas e todos os seus pertences completamente destruídos por uma enchente, enquanto há as famílias que simplesmente agradecem a chuva e não têm suas vidas prejudicadas por isso.

Entretanto, segundo Vanier, haveria sempre a renúncia ao gozo, seja pelo pobre, pela ilusão da promessa do discurso capitalista neoliberal, ou seja pelo rico na busca constante da acumulação de capital. No filme, o ponto de renúncia ao gozo da família Park, pode ser pensado por aquilo que Canguilhem refere-se como morte da normatividade.

“Há dois tipos de comportamentos inéditos da vida. Há os que se estabilizam em novas constantes, mas cuja estabilidade não constituirá obstáculo a uma nova superação eventual. Trata-se de constantes normais de valor propulsivo. São realmente normais por normatividade. E há os que se estabilizam sob forma de constantes que o ser vivo se esforçará, ansiosamente, por preservar de qualquer perturbação eventual. Trata-se ainda de constantes normais, mas de valor repulsivo, exprimindo, nelas, a morte da normatividade.” (Canguilhem, 1966/2009, pg. 82)

Isso é exemplificado, no filme, pelas reações exageradas que a família Park tem com tudo aquilo que os faz sair do ideal de uma família perfeita: quando Yon-Kyo Park, a mãe, foi interpelada por Jessica, a filha da família Kim, que no momento passava-se como arte-terapeuta, se algo havia acontecido com seu filho alguns anos atrás. O grito de desespero de Yon-Kyo aponta para essa imagem ideal prestes a romper-se, aponta para a morte da normatividade. E também pode ser vista pela rapidez que demitem seus funcionários de longa data quando estes deixam de corresponder com os ideais rígidos da família.

E é pela morte da normatividade, podemos pensar também o sujeito de desempenho, a que Han refere-se como aquele que tornou-se carrasco de si mesmo, senhor e servo ao mesmo tempo, que entrou no excesso de positividade, ele renunciou ao gozo e foi apanhado na ilusão do capital. Ele trabalha, estuda, se cansa em troca da promessa de férias, em troca da promessa da felicidade que nunca chega, pois nunca nada será suficiente. E, assim, ele se cansa indefinidamente até chegar à exaustão (Burnout) ou à depressão, como pontua Han (2017a).

A partir desse ponto de vista, seriam as “doenças neuronais”, como por exemplo a depressão, um *sintoma* proveniente do social? O não-mais-poder-poder que surge como

depressão, seria um derivativo do enfim-poder-parar, que tenta surgir mas que é *barrado e negado* da consciência do sujeito de desempenho?

Han parece ir de encontro com isso, ao elaborar as ideias de Handke:

“Nesse “cansaço fundamental”, Handke reúne todas aquelas formas de resistência e de convivência que desaparecem totalmente o empuxo da absolutização do ser ativo. O “cansaço fundamental” é tudo menos um estado de esgotamento no qual estaríamos incapacitados de fazer alguma coisa. É apresentado antes como uma capacidade especial. Ele *inspira*. Faz surgir o *espírito*. A “inspiração do cansaço” equipara-se ali ao *não fazer*: “uma ode de Píndaro a um cansado e não o vencedor!” [...] O “cansado” habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno. Não é um estado onde todos os sentidos estariam extenuados. Desperta, ao contrário uma visibilidade específica.” (Han, 2017a, pg.73)

Propomos que, por não poder não-fazer, o sujeito do desempenho expressa uma manifestação de não-mais-poder-poder, a saber, a depressão, o sintoma. Sabemos ainda que para a psicanálise o sintoma é intimamente relacionado ao trauma. Então, considerando esses efeitos relacionados ao discurso da produtividade no psiquismo, como podemos pensar o trauma nesse contexto?

O trauma freudiano

Para introduzirmos a questão do trauma, retomamos o seu conceito inicial para a psicanálise. Segundo Freud, o trauma está relacionado a estímulos que não são passíveis de elaboração a partir das formas habituais do Eu:

“Com efeito, a expressão “traumática” não tem outro sentido que não esse, econômico. Chamamos assim uma vivência que, em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível da forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no funcionamento da energia.” (Freud, 2014, p. 299)

Segundo Hartmann (2019) esse traumatismo freudiano se trata de uma invasão ao psiquismo que paralisa o princípio do prazer. O trauma então força o psiquismo a encontrar uma solução diferente, outra rota para descarregar esse excesso de excitação que o acidente traumático introduziu. No entanto, “essa descarga somente pode ser feita por meio da pulsão em sua ligação a uma representação inconsciente. Sem essa ligação inconsciente o excesso de excitação pode ameaçar a integridade do sujeito.” (Hartmann, 2019, pg. 404).

Freud ligava o conceito de trauma com a formação das psiconeuroses. E segundo Chemama & Hoffmann, durante muito tempo, Freud procurou a causa das neuroses em eventos

traumáticos, agressões sexuais. Posteriormente, Freud percebeu que a causa das neuroses na maior parte das vezes não se tratava de eventos traumáticos que haviam ocorrido, mas sim o conflito de um desejo edipiano e um interdito em meio a um cenário de fantasia (Chemama & Hoffmann, 2018). Ou seja, mesmo a fantasia edipiana já implica uma vivência traumática para o sujeito.

Esse trauma então torna-se fundamental para a formação do sintoma neurótico em Freud. Na sua primeira parte da teoria do sintoma admite-se que há um conflito inerente entre o *Eu* e o *Isso* na primeira infância, em que por um lado o *Isso* busca satisfazer todos seus desejos, e por outro o *Eu* barra aqueles desejos que lhe causam ou causarão sofrimento, dentre esses os principais desejos são os edipianos, o parricídio e o incesto. A criança irá resolver tal conflito de forma suficientemente estável, e esse é considerado o caminho normal pelo qual todos passam, segundo a teoria freudiana (Brenner, 1973).

A segunda parte da formação do sintoma neurótico é referente ao trauma, a saber, uma ou várias situações que desestabilizam esse equilíbrio entre o *Isso* e o *Eu*. O *Eu* se encontra incapaz de conter os impulsos que antes foram satisfatoriamente reprimidos; daqui em diante acontece uma formação de compromisso os impulsos são gratificados parcialmente e em troca apenas parte do conteúdo reprimido torna-se consciente. Esse compromisso é o que Freud chama de *sintoma* (Brenner, 1973).

Assim, quando falamos em trauma para a psicanálise podemos tratar tanto de um acidente traumático quanto do trauma constitutivo, o qual é fundamental para a formação do sintoma neurótico e conseqüentemente para a constituição do sujeito freudiano.

Porém, desde essa primeira concepção psicanalítica de trauma muitas mudanças sociais ocorreram, que também transformaram as formas de subjetivação. Hoje, ocorrem muitas situações clínicas em que os sujeitos não se encontram mais nas neuroses clássicas da época de Freud, e a repressão sexual não é mais tão central para a formação do sintoma. Temos sujeitos experienciando excessos psíquicos que prejudicam até mesmo a formação de um sintoma, repetindo compulsivamente um sofrimento sem nome. Sofrimento que por vezes impossibilita o acesso à esfera do desejo (Chemama & Hoffmann, 2018).

Então, considerando todas as mudanças sociais que ocorreram desde as primeiras formulações do trauma até os dias atuais, como podemos pensar o trauma hoje e quais as suas relações com os efeitos do discurso capitalista da produtividade?

O trauma e o discurso da produtividade

Se considerarmos a centralidade do aspecto econômico na definição de trauma para Freud, podemos pensar o excesso do trabalho e da velocidade característica de nosso tempo juntamente à condição traumática. As condições de ilusão, de risco e de vulnerabilidade que caracterizam o panorama social do sujeito contemporâneo parecem se constituir, em seu conjunto, como condições potenciais para a exposição do sujeito à traumatização. É possível, ainda, que tais condições possam funcionar como pequenos traumas que, operando em conjunto, podem levar o sujeito ao silêncio (Moraes & Loffredo, 2019).

A partir de uma abordagem lacaniana, é possível ainda pensar a questão do trauma na psicanálise como um real que é incapaz de ser simbolizado, proveniente dos diversos conflitos vividos pelos sujeitos inseridos nas sociedades contemporâneas (Chemama & Hoffmann, 2018).

Para falar mais sobre esses conflitos contemporâneos, trazemos um conceito que Chemama & Hoffmann apresentam em seu livro *Trauma dans la civilisation*, sobre uma forma guerra a qual se vive na contemporaneidade. Essa guerra não é mais aquela estabelecida por nações, um país específico contra outro; trata-se de uma guerra difusa, em que não se sabe onde está o inimigo, noção postulada por Frédéric Gros (Chemama & Hofmann, 2018). Pensamos o excesso de positividade do qual Han fala enquanto uma forma de guerra difusa, em que o sujeito é *bombardeado* de todos os lados por notícias, demandas, auto-demandas, pedidos, expectativas e por uma constante necessidade de performance.

Dada as devidas proporções e diferenças efetivas de um *atentado*, o sujeito bombardeado pela positividade nunca está em segurança, a pressão do desempenho a qualquer momento pode acabar com o breve armistício entre o Sujeito e seu Eu. A guerra que antes se passava entre nações agora se passa nos sujeitos, em todo o lugar e o tempo todo.

Propomos assim que esse conceito de guerra difusa pode ser trazido para a sociedade de desempenho de Han e para o discurso de produtividade que gera processos de subjetivação. E que os efeitos desse discurso e dos aparatos sociais, - como por exemplo as instabilidades e crescentes exigências do mundo do trabalho, bem como o excesso de informação proveniente dos smartphones, redes sociais, anúncios, promessas vazias de felicidade - compõem os *significantes* do discurso capitalista, que geram traumas nos sujeitos, constituindo um real que ainda não foi simbolizado. E a partir disso temos as ditas patologias do esgotamento como a depressão e a síndrome de Burnout que, como de praxe no discurso capitalista, são tratadas como problemas individuais. Como resultado disso tudo, surgem sujeitos traumatizados e distantes da esfera de seus próprios desejos, que nem ao menos conseguem formar um sintoma.

A ausência de uma narrativa para o traumatismo causado por esse contexto do qual discorreremos, é propriamente uma expressão da destrutividade dos efeitos do discurso capitalista e a ausência de horizontes possíveis para além deles. Pensamos que mesmo na ausência de um dito sintoma, que englobasse mesmo que de forma faltosa algum tipo de narrativa, teríamos justamente então algo que poderia ser dito como um *trauma social*. Um real traumático e particular para cada sujeito, a partir da relação com seu desejo, um trauma produzido a partir do estado de guerra de que falamos.

O grande desafio contemporâneo talvez seja justamente a criação de narrativas desejanter, a partir das verdades particulares, um universal partido capaz de desvelar as armadilhas da ilusão capitalista. Pois como nos fala Han:

“Em um mundo desprovido de narrativa e de ritual, o fim só pode ser visto como uma ruptura que dói e perturba. Somente no contexto de uma narração que o fim pode ser visto como conclusão. Sem uma aparência narrativa ele sempre será uma perda e uma falta absolutas” (Han, 2017b, pg. 43)

Assim como no traumatismo individual, será necessário primeiramente a formulação de uma narrativa dos desejos sociais, para quem sabe formarmos um sintoma social passível de ser elaborado. E aqui a posição do analista mostrará sua vitalidade, seja ao continuar a evitar tanto uma individualização relativista do sofrimento, quanto a evitar a morte da *sua* capacidade normativa que pode ser denotada pela servidão ao discurso do Outro.

Referências

- Almeida, F. P. M. (2014). Anticapitalismo religioso: novos textos de Walter Benjamin. *Religião & Sociedade*, 34(1), 199-203.
- Benia, L. R. (2001). O provisório como modo de existência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 10(20), 117- 123.
- Brenner, C. (1973). *Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Imago.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Chemama, R., & Hoffmann, Ch. (2018). *Trauma dans la civilisation*. Tolouse, França: Éditions Érès.
- Costa, L. A., & Fonseca, T. M. G. (2008). Da diversidade: uma definição do conceito de subjetividade. *Interamerican Journal of Psychology*, 42(3), 513-519.

- Dunker, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Foucault, M. (2017). *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz & Terra
- Freud, S. (2010). *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM.
- Freud, S. (2010). *Obras Completas: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (2011). *Obras completas: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2014). *Obras Completas: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gisaemgchug (2019). Direção: Bong Joon-ho, Produção: Kwak Sin-ae, Moon Yang-kwon, Bong Joon-ho et al. Coréia do Sul.
- Han, B. (2017a). *Sociedade do cansaço* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Han, B. (2017b). *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes.
- Han, B. (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (1ª ed.). Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- Hartmann, F. (2019). Do trauma ao sintoma. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 22(2), 403-406.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política* (1ª ed.). São Paulo: Boitempo Editorial.
- Marx, K., & Engels, F. (2008). *Manifesto do partido comunista* (1ª ed.). São Paulo: Editora Expressão Popular.
- Moraes, D. F. L. D., & Loffredo, A. M. (2019). Tempo e trabalho na contemporaneidade: notas para uma agenda de pesquisa no campo da psicanálise. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 41(40), 65-82.
- Nietzsche, F. (2000). *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- They Live (1988). Direção: John Carpenter, Produção: Larry Franco. Estados Unidos.
- Vanier, A. (2002). O sintoma social. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(2), 205-217